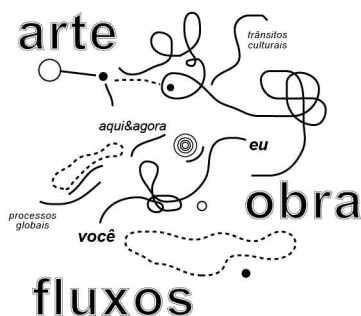




XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

CONSIDERAÇÕES DE MÁRIO PEDROSA SOBRE A CRISE DO CIRCUITO DAS ARTES.

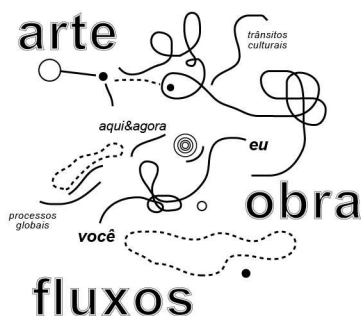
Marcelo Mari

UFG

A fundação da Bienal de São Paulo coincidiu com a iniciativa de Pedrosa em promover a arte de tendência construtiva no Brasil nos anos de 1950. Difundida na época, a célebre afirmação de Mário Pedrosa de que “o Brasil está condenado ao moderno”, ela explicava-se pela conformação das relações estabelecidas entre plano local e plano internacional desde o período da colônia até os dias de hoje.

A Bienal de São Paulo que fora, em seu surgimento, responsável pela desprovincianização das artes no Brasil, tornou-se aos poucos o contato frenético não menos com as modas internacionais que com as alianças espúrias para promoção de artistas e de modas internacionais, a atuação de gangsteres das artes. A partir dos anos de 1970, o sistema das artes fechou-se na lógica do mercado. Como dizia Pedrosa, a mostra de arte passava a ser feira de arte, e os marchands passam a dominar a cena.

Mário Pedrosa acompanhou de perto as mudanças internacionais e, por isso, ele foi capaz de antecipar o surgimento do crítico-marchand. No exílio, em Paris, Pedrosa reavaliou o significado da arte na sociedade na década de 1970. Suas conclusões aproximam-se da análise feita recentemente por Chin-Tao Wu, no livro *Privatização da cultura*. Reavaliação dos objetos da cultura, Pedrosa dizia, em 1975, que a classificação dos níveis culturais serviria como designação de privilégio e de distinção social na sociedade de classes em que a cultura



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

preserva o *status quo*: Os objetos produzidos pela arte erudita transformaram-se em capital, em símbolos de distinção e de diferença social.

Desde a arte moderna até as manifestações recentes da arte dita pós-moderna têm-se a promoção da arte como chave fundamental de construção ideológica do individualismo como termo último de fruição das benesses simbólicas oferecidas pela sociedade capitalista. De certa forma, Paulo Herkenhoff assinala os interstícios da dimensão estética como grande barreira contra a simples mercantilização das coisas presentes no mundo. O que há de novo nisso? Como diz Herkenhoff, vivemos um impasse contemporâneo de falta de alternativa que possibilitem vislumbrar a transformação efetiva do que está aí. Trata-se de uma medida urgente contra aquilo que Pedrosa tinha constatado: “as leis do mercado capitalista não perdoam” e a arte torna-se mercadoria como qualquer presunto.

Mário Pedrosa, história da crítica de arte, crise do circuito das artes.